

Artigos

Espaços da Comunicação: a atualidade da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação*

Sonia Virgínia Moreira**

Resumo

Caso fosse possível marcar sobre um mapa-múndi o movimento gerado pelas trocas internacionais de informação, emergiria da atual profusão de fluxos a imagem de um mundo sem fronteiras. Para a comunicação, isto não significa que todos falem o mesmo idioma, tenham o mesmo grau de acesso à informação ou condições semelhantes de mídia. Na heterogeneidade de espaços e circunstâncias evolui a Comunicação Internacional: à mútua influência, ao alcance indefinido e à apropriação facilitada contrapõem-se dilemas e problemas, dentre os quais o equilíbrio no fluxo das informações. Para abordar tais questões, este artigo recupera textos preparados por especialistas e pela assessoria técnica da Unesco para a Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, a maioria datada de 1978-1979.

Palavras-chave: Fluxos da Informação. Comunicação Internacional. Organizações Internacionais

* Texto base da apresentação no painel "Os novos fluxos da Comunicação Internacional: do Relatório MacBride à Internet", parte do Congresso da Intercom em 2009 – Curitiba, Universidade Positivo.

** Professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde integra o corpo docente do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Pesquisadora sênior de dois projetos internacionais de investigação científica – Worlds of Journalism Project (Universidade de Munique) e International Media Concentration Research Project (Universidade de Columbia, NY). Lidera o Grupo de Pesquisa do CNPq "Geografias da Comunicação" e coordena na Intercom GP com o mesmo nome. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. E-mail: soniavm@gmail.com

Space of Communication: the International Commission for the Study of Communication in the present time

Abstract

If it were possible to mark on a world map the movement generated by the international exchange of information, it would emerge the image of a world without borders. In the area of communication, that does not mean that everybody speaks the same language, has the same level of access to information or similar conditions of media. In this heterogeneity of space and circumstances evolves the international communication: mutual influence, indefinite scope and facilitated appropriation contrast with dilemmas and problems, like the balance in the flow of information. To address these issues, this article recovers articles and reports written by experts and the technical body of Unesco in order to subsidize the International Commission for the Study of Communication, most of them dating from 1978-1979.

Keywords: Information Flows. International Communication. International Organizations

Espacio de la Comunicación: la actualidad de la Comisión Internacional para el Estudio de Problemas de la Comunicación

Resumen

Si fuera posible marcar en un mapa del mundo el movimiento generado por el intercambio internacional de información, surgiría de la profusión actual de flujos la imagen de un mundo sin fronteras. Para la comunicación, esto no significa que todo el mundo habla el mismo idioma, tiene el mismo grado de acceso a la información o condiciones similares de los medios de comunicación. En la heterogeneidad de espacio y circunstancias se desarrolla la comunicación internacional: la influencia mutua, el alcance indefinido y la apropiación facilitada contrasta con los dilemas y problemas, entre los que el equilibrio en el flujo de información. Para tratar esos temas, este trabajo recupera los textos preparados por especialistas y por la asesoría técnica de la Unesco para la Comisión Internacional para el Estudio de Problemas de la Comunicación, la mayoría datando de 1978-1979.

Palabras clave: Flujos de Información. Comunicación Internacional. Organizaciones Internacionales

A história da pesquisa em Comunicação de Massa deve incluir, em paralelo, a história do mundo em mutação das Comunicações de Massa.
James Carey, 1996.

Introdução

O principal objetivo deste artigo é recuperar algumas ideias e propostas que compõem o extenso material produzido pelos integrantes (e assessores técnicos) da Comissão

Internacional para o Estudos dos Problemas da Comunicação, instalada no âmbito da Unesco em 1977 sob a coordenação de Sean Mac Bride.¹ Mais de três décadas depois é possível constatar que permanecem atuais muitos dos textos produzidos no período em que as relações entre países estavam ainda polarizadas pela Guerra Fria, com os Estados Unidos e a União Soviética influenciando o desempenho das nações, e muitos dos países hoje emergentes eram apenas ‘periféricos’.

A coleta das informações aqui reunidas baseou-se na consulta à base de dados da Unesco disponível no portal da organização². Foram examinados textos em inglês, francês e espanhol produzidos no espaço de três anos – entre o estabelecimento da Comissão e a publicação do seu relatório final: *Many voices, one world: towards a new, more just, and more efficient world information and communication order*. Nesse tempo, a Comissão produziu artigos e relatórios que tratam de questões variadas, como: educação para os meios; registro das tecnologias disponíveis; estereótipos e mulheres na mídia; contextos da pesquisa sobre comunicação de massa; o mundo das agências de notícias; o desenvolvimento rural e o fluxo da informação; o direito de comunicar e o planejamento de comunicação; a radiodifusão internacional. Essa variedade de contextos permite que os estudos da Comissão permaneçam como fontes viáveis para a pesquisa em Comunicação.

A Unesco e a Comunicação

Se alguma coisa mudou em relação ao fluxo de informações no mundo nos últimos 30 anos, podemos dizer que a rapidez, a simultaneidade e o alcance das transmissões certamente são três elementos a assinalar. A direção e a categoria dos fluxos e contrafluxos (regionais, nacionais, internacionais, globais) não são mais privilégios da mídia tradicional: tratam também da existência crescente e heterogênea de núcleos produtores e de audiências.

¹ Prêmio Nobel da Paz (1974), presidente da Anistia Internacional (1961-1975) e Ministro das Relações Exteriores da Irlanda (1948-1951).

² Disponível em <http://www.Unesco.org/new/en/Unesco/resources/online-materials/publications/unesdoc-database/> em 25/05/2009.

Representam a emergência de *players* nacionais e transnacionais na cultura midiática, tanto corporativos como representativos de comunidades. Esses movimentos envolvem a apropriação de tecnologias e a formação de redes que, por sua vez, estimulam novas formas de comunicação, informação e pertencimento.

A Comunicação Internacional tem sido, especialmente, o estudo do impacto cultural e social das mudanças na forma de comunicação entre países. Inclui relações de mercado, regulação, tecnologia e a comunicação entre culturas. Direito, economia, meio ambiente, comércio, contabilidade, marketing e jornalismo são algumas das áreas com estudos no campo internacional. O fato é que o campo segue pouco analisado entre nossos pesquisadores e se revela como uma vertente em aberto a investigações conexas voltadas, por exemplo, a aspectos culturais, midiáticos e/ou tecnológicos nos diversos países.

Em termos mundiais existe um banco de dados essencial para compreender os diversos contextos em que se enfrentaram os blocos distintos de países no âmbito das Nações Unidas. Há mais de 60 anos a Unesco³ resume os principais debates travados no contexto da Comunicação Internacional. Os Meios de Comunicação constavam da agenda da organização já nas Conferências Internacionais de 1948, em Beirute, e de 1950, em Florença. Ambas trataram do acordo internacional para facilitar a importação e circulação de livros, jornais e periódicos entre os Estados Membros da Organização das Nações Unidas.

O grupo de trabalho concluiu que a melhor maneira de a UNESCO atingir os seus objetivos era formular um acordo internacional específico para reduzir as barreiras tarifárias que afetam tanto a importação de publicações como também outras categorias de material educacional, científico e cultural (MEETING, 1957, p.2).

O texto proposto foi aprovado por unanimidade. Nas conferências posteriores, o campo da comunicação (funções da mídia com maior frequência) esteve no centro dos debates que resultaram em acordos ou convenções adotadas pelas Conferências Gerais.

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, fundada em 1945, no período imediato do pós-guerra.

Uma das metas era ordenar formas de circulação da produção intelectual e midiática entre países. O banco de documentos da organização reúne textos originais de acordos, convenções, recomendações, resoluções, decisões e declarações. Alguns exemplos de acordos e convenções firmados nas Conferências Gerais: em 1952, em Genebra, sobre os direitos autorais universais; em 1954, em Haia, o tema foi a proteção à propriedade cultural; em 1958, em Paris, o acordo se deu em torno de normas para a troca internacional de publicações; em 1961, em Roma, tratou da proteção aos produtores de fonogramas e organizações de radiodifusão; em 1974, em Bruxelas, focou a distribuição de sinais de emissoras nas transmissões via satélite⁴. Na condição de integrante do sistema maior da Organização das Nações Unidas (ONU), a Unesco representou espaço privilegiado para a discussão sobre formas de comunicação entre países.

Depois da Declaração de 1972, sobre o uso da transmissão via satélite para facilitar o livre fluxo da Comunicação, o equilíbrio na circulação das informações se transformou no fio condutor dos debates internos da organização. O tema está manifesto nos trabalhos da Comissão Internacional para os Estudos dos Problemas da Comunicação, completado pela Declaração de 1978 sobre os princípios fundamentais para a contribuição dos Meios de Comunicação de Massa como fortalecedores da paz e do entendimento internacional.

O impacto gerado pelo relatório final da Comissão em 1980 fez com que o mesmo ficasse conhecido pelo nome do seu coordenador (Relatório MacBride). MacBride havia lutado pela independência irlandesa e testemunhado o valor da circulação livre e balanceada da informação. Duas décadas mais tarde, o advento da Internet delinearía a capacidade de transpor as limitações dos fluxos internacionais de comunicação ao propiciar o surgimento de novos emissores, novas fontes, novos canais e novas audiências para a informação, ainda que permaneçam os desafios para a distribuição equilibrada do acesso ao conteúdo em circulação no mundo.

Para percorrer a trajetória dos novos fluxos da Comunicação Internacional, em especial do Relatório MacBride à Internet, inte-

⁴ Agreements, Conventions, Recommendations, Resolutions, Decisions, and Declarations of UNESCO: List with Index. Paris: UNESCO, April 1994.

ressa a este artigo considerar os sentidos dos fluxos de informação e comunicação nos últimos 30 anos a partir de um referencial: os textos preparados por especialistas e pela assessoria técnica da Unesco para a Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, a maioria datada de 1978-79. A justificativa para a seleção de estudos está na oportunidade de recuperar, trazer para o presente, um momento produtivo de troca de conhecimentos entre uma geração de profissionais e pesquisadores de vários países sobre o campo da Comunicação, em especial a Comunicação Internacional. Em outubro de 1979 o material preparado para a Comissão somava, entre *papers* publicados / editados, 58 documentos (dos 100 com produção prevista)⁵. Os documentos preparados ou submetidos para a Comissão incluem estudos descritivos; análises de problemas, relatos de casos significativos e resultados de pesquisa; textos opinativos individuais, escritos por especialistas sobre vários aspectos da comunicação. Todos pautados pelas seguintes orientações:

[...] A documentação preparada pela e para a Comissão deverá conter simultaneamente abordagens globais e selecionadas; tentará identificar problemas prioritários e aspectos cruciais que mereçam análises, esclarecimentos e estudos em profundidade para atender às necessidades da Comissão, [...] que terá como base para as suas considerações e deliberações duas fontes: documentação factual e descritiva e um conjunto de opiniões e idéias (METHODS OF WORK, 1977, p. 4-5).

Dos mais de cinquenta textos efetivamente apresentados, muitos estão disponíveis no banco de dados da Unesco e acessíveis para consulta online. Abrangem questões administrativas internas, estatísticas de Comunicação, monografias sobre agências de notícias ocidentais e de países em desenvolvimento, propriedade de mídia, legislação e – o que mais interessa a esta análise – artigos de fundo escritos por profissionais, pesquisadores, representantes de organizações e de instituições acadêmicas. O que segue, portanto, são anotações sugeridas pela leitura contemporânea do percurso da Comunicação nos subcampos da Mídia, das Telecomunicações,

⁵ Documents of the International Commission for the Study of Communication Problems. Paris: UNESCO, October 1979.

da Comunicação Internacional e da produção teórica inerente, no período de em que esteve vigente (1977-79) a Comissão Internacional para os Estudos dos Problemas da Comunicação.

Sobre a pesquisa em Comunicação Internacional

É comum encontrar, entre os textos sobre a pesquisa em Comunicação Internacional, afirmativas de que se trata de campo com produção científica abaixo do que seria razoável ou necessária. Uma explicação pode estar na origem das pesquisas, pois o trajeto dos estudos na área mostra que

a emergência de questões sobre Comunicação Internacional aconteceu de modo simultâneo aos debates mais amplos sobre relações de poder, neste caso sobre as causas de uma resposta apropriada à falta de crescimento econômico e desenvolvimento. Se os sistemas nacionais de mídia eram ineficientes, isso demandava uma explicação. [...] Mais do que falar dos países menos desenvolvidos, o subdesenvolvimento sugeria que as mais altas e as mais baixas taxas de crescimento econômico e de desenvolvimento em diferentes partes do mundo estavam relacionadas. [...] O instrumentalismo da Guerra Fria que caracterizou a origem da pesquisa comparada de mídia apresentou um problema ao introduzir uma dimensão comparativa no estudo da Comunicação Internacional. O quadro conceitual que servia como guia para a análise e a categorização de diferentes países – *Four Theories of the Press*, de Siebert, Peterson, and Schramm (1956) – estava claramente situado em um contexto da Guerra Fria. [...] O veio principal da pesquisa comparada em política era influenciado por um modelo de análise de sistemas (que considerava cada país como sistema único) e por uma tendência à validade científica social com o uso de modelos quantitativos (MODY, 2003, p.9).

Na introdução de um dos textos mais consistentes apresentados à Comissão Internacional, James Halloran⁶ assinala que conceitos, categorias e relações não podem ser considerados neutros, daí a importância de saber o contexto em que são desenvolvidos e aplicados.

⁶ Professor, diretor do Centro de Pesquisa em Comunicação de Massa da Universidade de Leicester, na Grã Bretanha, e presidente da IAMCR – International Association for Media and Communication Research (1972-1990).

Devido à maneira como a comunicação tem sido definida, iniciada, apoiada e organizada, e também pelas funções que tem sido chamada a desempenhar (digamos, nos últimos 50 anos), chegamos à conclusão de que a questão não se limita à insuficiência da informação, mas ao fato de que a informação que recebemos é parcial e desequilibrada. Sabemos mais sobre determinadas regiões do mundo do que outras; sabemos mais sobre alguns processos de comunicação do que sobre outros. [...] Uma verdadeira compreensão da natureza da pesquisa e suas implicações demanda a compreensão de fatores históricos, econômicos, políticos, organizacionais, profissionais e pessoais que afetam o processo de investigação de várias formas. [...] De um modo ou de outro, as questões que formulamos nas pesquisas são indicadores daquilo que consideramos importante ou problemático. Refletem nossas prioridades, nossos valores, nossas preocupações, assim como nossos compromissos, no que se refere ao que é permitido ou possível. Infelizmente, parece que muitos pesquisadores, independente do país de origem, não reconhecem esta situação (HALLORAN, 1978, p.1).

A metodologia da pesquisa comparada, vale destacar, também representou um desafio para a Comunicação Internacional desde os primeiros estudos. Ainda segundo Halloran,

O centro deste problema está na incapacidade de perceber que a pesquisa social tem suas raízes nos valores culturais e que as diferenças fundamentais (cultura, idioma, estrutura demográfica, experiência, expectativas etc.) que se verifica em diferentes sociedades desqualificam métodos de entrevistas, por exemplo, que admitem que a comparabilidade genuína pode ser obtida apenas pela aplicação de um mesmo questionário, da mesma forma, em todos os países participantes (HALLORAN, 1978, p.3).

O predomínio dos conceitos, da base teórica e metodológica originados em centros desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos e em países da Europa, permeou – e ainda permeia – as críticas ao conjunto de saberes constituído pela pesquisa na área internacional. Sobre isso, Halloran argumenta: 1) a questão não é a origem da pesquisa, mas se a mesma pode ser considerada de boa ou de má qualidade; 2) a preocupação acentuada com o “imperialismo” é tamanha que muitas vezes se exige que a pesquisa nos países em desenvolvimento seja realizada exclusivamente por pesquisadores locais, sem ponderar que frequentemente esses pesquisadores tenham sido educados por estudiosos de países desenvolvidos.

Na consideração sobre a pesquisa em Comunicação de acordo com países é possível identificar duas linhas que predominaram em dois centros desenvolvidos. Nos Estados Unidos,

a pesquisa de comunicação de massa, como outras áreas da ciências sociais, se desenvolveu essencialmente em resposta às demandas da sociedade urbana e industrial por informação empírica, quantitativa e política sobre suas operações. [...] Este era o núcleo da pesquisa administrativa ou de serviço, na qual a ênfase estava na melhoria dos métodos para atingir metas específicas e não no refinamento de conceitos, no desenvolvimento de teorias ou na busca de mudança social (HALLORAN, 1978, p.3).

Em países da Europa, particularmente na Grã-Bretanha, o diferencial seria a linha de pesquisa crítica, direcionada a políticas a partir da perspectiva sociológica,

[...] ao oferecer um grande contraste e um desafio em relação a abordagens anteriores e também ao contribuir para o debate sobre assuntos vitais para a comunicação contemporânea. Seus defensores e praticantes participaram com destaque da evolução da pesquisa em comunicação de massa na Europa e alcançaram influência internacional principalmente por meio de publicações da UNESCO (HALLORAN, 1978, p.5).

Temos então o fato de que a pesquisa em Comunicação Internacional que inicialmente se preocupou com usos, reações, efeitos e influências voltou-se para questões relativas ao controle, propriedade, estrutura, organização, produção e distribuição. Por “questionar postulados, desafiar mitos e contestar certezas, em muitos países a pesquisa critica teve que sobreviver em uma atmosfera hostil”. O campo da Comunicação Internacional foi dominado por três paradigmas que se sucederam a partir dos anos 1960 e até os anos 1980: o da comunicação e desenvolvimento (Lerner, 1954 e Schramm, 1964), o do imperialismo cultural (Schiller, 1976; Matellart, 1979) e, mais tarde, o do pluralismo cultural, em grande parte resultante do contrafluxo das produções culturais, que se evidencia pela produção e exportação de filmes (Índia) e de programas de televisão (Brasil e México) a partir dos anos 1980⁷.

⁷ Exemplos e autores estão detalhados em SREBERNY-MOHAMMADI (2002 p. 338-348).

Nas décadas de 90 e nos anos mais recentes, o paradigma definiu-se pelos fluxos e contrafluxos em redes, territórios e espaços no contexto da sociedade da informação e do conhecimento.

A informação e a mídia

O pluralismo na mídia foi tema de outro documento, preparado para a Comissão Internacional por Leonard Sussman.⁸ Na década de 70, com o ponto de vista dos países do Terceiro Mundo em debate nos fóruns da UNESCO, os fluxos de informação Norte-Sul e Oeste-Leste eram categorizados para análise como “sociedades de mercado” e “sociedades de não-mercado” – o ponto em comum nos dois casos era a cobertura inadequada das nações em desenvolvimento situadas no Sul e no Leste. Sussman⁹ sugeria que a simples existência do *pool* das Agências dos Países Não-Alinhados significava que as agências orientais e ocidentais não atendiam as necessidades dos países participantes, daí o sistema alternativo.

Minha proposta não é sugerir uma abordagem dos estudos de comunicação para promover o objetivo utópico de substituir o jornalismo não-governamental nos países onde o jornalismo agora é controlado ou regulado por um governo. Ao contrário: defendo o reconhecimento dos serviços de notícias não-governamentais – no ambiente doméstico, onde exista o compromisso constitucional, e no ambiente transnacional, onde operem via contratos bilaterais entre governos e meios informativos independentes. Esses meios independentes deveriam ser considerados bens universais precisamente porque praticam um jornalismo independente de governos (SUSSMAN, 1978, p.7).

Hubert Beuve-Méry¹⁰ agregou às discussões sobre o fluxo das informações a peculiaridade da função de jornalista. Ancorado

⁸ Jornalista, diretor executivo da organização não-governamental norte-americana Freedom House.

⁹ SUSSMAN, L. An Approach to the Study of Transnational News Media in a Pluralistic World. International Commission for the Study of Communication Problems 18. Paris: UNESCO, 1978, p. 2-6.

¹⁰ Fundador do jornal *Le Monde*, membro da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação.

na Declaração Universal dos Direitos Humanos ele sublinha o seguinte trecho: “[toda pessoa] tem a liberdade para procurar, receber e compartilhar informações e ideias por meio de qualquer mídia e independente de fronteiras”. E comenta:

Como nada que seja puramente humano é absoluto, a liberdade não pode existir sem limites – limites que não são fáceis de determinar claramente, uma vez que inevitavelmente variam de acordo com idade e com costumes e circunstâncias particulares. Apesar disso é preciso admitir que jornalistas, isto é, aqueles que – seja profissionalmente ou por acaso – desempenham a função de informar o público (excetuando-se, naturalmente, os funcionários de governos ou de agências de publicidade), devem seguir o princípio da primazia da liberdade frente aos poderes instituídos (BEUVE-MÉRY, 1978, p.2).

Também foram tratadas na Comissão Internacional as redefinições possíveis para a Comunicação Social, entendida como processo espontâneo e não formalizado, cujo elemento principal é a relação interpessoal, e também como processo regulado entre e no interior de organizações, nações, cidades, empresas, assim como dentro e fora das diferentes estruturas sociais (BALLE, 1978, p.5). Assim, na convergência da comunicação interpessoal e institucional está a Comunicação Mediada, cuja característica é a ligação com o mundo industrial, ao tomar emprestado suas tecnologias e acompanhar o mesmo ritmo de expansão.

Uma verdadeira ecologia dessa forma de comunicação deve ser desenvolvida e esta nova ciência deve se concentrar no estudo do ambiente criado pelos diferentes mídia e órgãos de Comunicação Social. Por um lado, investigaria a distribuição dos meios ou da infra-estrutura de comunicação, sua diversidade, pluralidade, alcance geográfico e sua acessibilidade a diferentes públicos. Por outro lado, poderia estudar as inter-relações entre esses diferentes tipos de mídia em um mesmo grupo e os elos que não podem deixar de ser estabelecidos entre os últimos e seus correspondentes estrangeiros. Por ultimo, esta nova ciência seria capaz de responder, inclusive em termos estatísticos, a questão relativa a quem assiste, lê e escuta o quê, por quanto tempo e de que forma (BALLE, 1978, p.6).

Para além da intercessão entre mídia e sociedade, a Comunicação Mediada identificada por Balle “possui nenhum outro princípio a não ser o de não ter princípio”, está vinculada a

determinada cultura, algumas vezes com tendência a favorecer o poder autoritativo das elites e em outras a promover o diálogo social. No conjunto das maneiras de comunicação entre pessoas há que se considerar também a natureza da comunicação horizontal, como propõe Beltrán, que à luz das críticas e propostas inovadoras resume a seguinte definição de comunicação:

A comunicação é o processo da interação social democrática, baseada na troca de símbolos por meio dos quais os seres humanos voluntariamente compartilham experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação. Todos têm o direito de comunicar para satisfazer as necessidades de comunicação desfrutando os recursos da comunicação (BELTRÁN, 1978, p.16).

Os caminhos, as direções

O relatório final da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação foi, como se infere deste relato na forma de anotações, precedido de um movimento sem igual de pesquisadores e profissionais em torno das questões que, no final da década de 1970, estavam presentes tanto no cotidiano profissional da mídia como nos estudos acadêmicos da Comunicação. Um dos efeitos positivos da pressão dos países em desenvolvimento para um novo ordenamento da produção e da distribuição da informação resultou na valorização de outra esfera da produção científica, internacional por excelência, a partir de então com o reconhecimento dos processos regionais, nacionais e, mais recentemente, locais (urbanos).

Dentre os artigos armazenados no banco de dados da Unesco destacam-se pelo menos dois que distinguem o campo e se apresentam como fontes para a observação de aspectos atuais da circulação internacional da informação. A primeira observou as implicações sociais das tecnologias previstas para os anos 1980 com a existência de uma Sociedade de Aprendizado Eletrônico, em texto de S. Komatsuzaki¹¹ usando o Japão como referência.

¹¹ Investigador do Instituto de Pesquisa em Telecomunicações e Economia em Tóquio.

Mesmo as diferenças entre comunicação e processamento estão diminuindo. [...] Novos conceitos serão necessários para orientar a tecnologia da comunicação. Um deles, a Sociedade de Aprendizado Eletrônico, tem implicações sociais. Outro, sobre o sistema de redes, tem importância para a engenharia da comunicação. As redes se referem ao equilíbrio de uma unidade que consiste em terminais inteligentes descentralizados e em processamento centralizado das fontes de informação (KOMATSUZAKI, 1978, p.7)

A segunda contribuição balizadora de aspectos contemporâneos tem autoria de Jean d'Arcy,¹² que listou entre as mudanças necessárias para o melhor fluxo da informação o respeito pelas culturas, a alocação de recursos da comunicação e os conceitos mutantes da função da informação. O autor antecipou que, nos níveis individuais e nacionais,

três tendências principais podem ser identificadas: a riqueza das possibilidades da comunicação depois da sua escassez; a extensão dessas possibilidades em escala planetária ou global; e a tendência à individualização – o que os novos meios estão trazendo é a possibilidade cada vez maior de os indivíduos se comunicarem entre si (d'ARCY, 1978, p.11).

O que d'Arcy vislumbrou ao tratar do direito individual em comunicar está na origem dos estudos sobre diversidade cultural e liberdade na emissão e disseminação da informação; hoje influencia uma geração de pesquisadores que estudam políticas públicas e a segregação digital no contexto do direito em comunicar.

Jean d'Arcy identificou a necessidade de dimensionar o direito de comunicar porque acreditava que o rápido avanço da transmissão via satélite resultaria em uma abundância de canais de comunicação até então indisponíveis a indivíduos e comunidades. Essa abundância permitiria o desenvolvimento da comunicação individual pessoa-a-pessoa e interativa global. [...] Atualmente, com o debate internacional sobre o significado e as implicações da globalização, do multiculturalismo, dos direitos individuais e coletivos de propriedade intelectual, do compartilhamento da informação comum e da concentração de mídia, uma estratégia aberta e sensível às questões culturais se torna mais relevante do que nunca (BIRDSALL, 2006).

¹² Presidente do Instituto Internacional de Comunicações e do Sindicato Nacional de Videocomunicação da França.

Nesse sentido, os influxos a que se refere o título desta apresentação podem aqui ser designados como influência, mas também afluência e convergência no âmbito da Comunicação Internacional entre países, culturas e indivíduos. Vários fóruns se organizaram em torno dessa questão, entre os quais os observatórios de mídia, que ganharam força na virada do século impulsionados pela Internet. Representam espaços espontâneos, independentes dos poderes instituídos e dos veículos convencionais de informação. Aqueles que não estão vinculados a projetos em universidades dependem de voluntários, caso por exemplo da Transparência Internacional e do Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social. Sob o aspecto dos influxos, portanto, é possível concluir que a Unesco, desde a sua criação – mas especialmente nas décadas de 60 a 80 e também na última década – se consolidou entre as agências internacionais como espaço singular para os debates sobre a comunicação e os fluxos da informação. Este atributo está evidente na promoção das cúpulas mundiais sobre sociedade da informação e sociedade do conhecimento – WSIS (1ª fase em Genebra, em 2003, e a 2ª fase em Tunis, em 2005); em contribuições como o Modelo de Currículo para o Ensino de Jornalismo em democracias emergentes e países em desenvolvimento (2007) e na própria disposição da Divisão de Comunicação e Informação, que opera em rede e mantém em curso estratégias de promoção social global. A linha de ação da organização para enfrentar os desafios globais talvez possa ser resumida na referência institucional “Educação, Ciências Sociais e Naturais, Cultura e Comunicação são os meios para se conseguir atingir um objetivo bem mais ambicioso: construir paz nas mentes dos homens”¹³.

Referências

BALLE, Francis. **Communication: a Plea for a new approach**. International Commission for the Study of Communication Problems. Paris: UNESCO, 1978.

BELTRÁN, S. Luis Ramiro. **Farewell to Aristotle: “horizontal” communication**. International Commission for the Study of Communication Problems n. 48. Paris: UNESCO, 1978.

¹³ UNESCO: o que é e o que faz. Disponível em 2 de julho de 2009 em http://www.brasilia.Unesco.org/Unesco_

BEUVE-MÉRY, Hubert. **Freedom and responsibility of journalists**. International Commission for the Study of Communication Problems n. 90 ter. Paris: UNESCO, s/d.

BIRDSALL, William F. **A right to communicate as an open work**. Promoting Communication for Social Change. The World Association for Christian Communication, Jan. 2006. Disponível em 18 de maio de 2009 em <http://www.waccglobal.org/en/20061-celebrating-cultural-diversity/558-A-right-to-communicate-as-an-open-work.html>

CAREY, James. The Chicago School and Mass Communication Research. In: DENNIS, Everett E.; WARTELLA, Ellen. (Ed) **American Communication research**. Philadelphia (PA): Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

D'ARCY, Jean. **The right to communicate**. International Commission for the Study of Communication Problems n. 36. Paris: UNESCO, 1978.

HALLORAN, James. **The context of mass communication research**. International Commission for the Study of Communication Problems n. 78. Paris: UNESCO, 1978.

KOMATSUZAKI, S. **Communication technologies of the 1980s (III) – The social Implications**. International Commission for the Study of Communication Problems n.83. Paris: UNESCO, 1978.

MEETING of Governmental Experts on the Agreement on the Importation of Educational, **Scientific and cultural materials**. Paris: UNESCO, 1957.

METHODS of Work. **International Commission for the Study of Communication Problems n.3**. Paris: UNESCO, 1977.

MODY, Bella. **International and development communication: a 21st century perspective**. New York: Sage, 2003.

PORTAL UNESCO. Disponível em:
http://portal.Unesco.org/en/ev.php-URL_ID=29008&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

SREBERNY-MOHAMMADI, A. The global and the local in international communications. In: ASKEW, Kelly M.; WILK, Richard R. (Ed) **The anthropology of media: a reader**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2002.

SEMATI, Nehdi. **New frontiers in international communication theory**. Lanham (MD): Rowman & Littlefield, 2004.

SUSSMAN, Leonard R. **An approach to the study of transnational news media in a pluralistic world**. Seminar The Infrastructure of News Collection and Dissemination in the World. Stockholm, April 24-27, 1978.

UNESDOC Database. Disponível em: <http://www.Unesco.org/new/en/Unesco/resources/online-materials/publications/unesdoc-database/> Disponível em 25/05/2009.